

DISCURSO DO SANTO PADRE FRANCISCO

AOS PARTICIPANTES DO CONGRESSO DA ORGANIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE (ODUCAL)

Sala Clementina - Quinta-feira, 4 de maio de 2023

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Saúdo o Senhor Cardeal José Tolentino de Mendonça, Prefeito do Departamento de Cultura e Educação, e agradeço-lhe as amáveis palavras que me dirigiu. Saúdo o Presidente da ODUICAL, Eng. Rodolfo Gallo Cornejo, os Vice-Presidentes das Sub-Regiões Andinas, México, América Central e Caribe e Cone Sul.

Saúdo os membros da Organização que se encontram em Roma para comemorar o 70º aniversário da sua criação. Eles chegam unidos pelo espírito colaborativo e fraterno que caracteriza a organização e se reúnem, nesta ocasião especial, para enriquecer os laços e fortalecer a rede baseada no trabalho em comunhão.

A ODUICAL, fundada no Chile por Dom Alfredo Silva Santiago, Arcebispo da Diocese de Concepción com o apoio de outras universidades, é composta por 115 universidades, que atualmente representam 1.500.000 alunos, mais de 110.000 professores e mais de 5.000 programas e níveis. É a maior organização dentro da Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC). Isso significa que a Organização goza de solidez no trabalho acadêmico e, ao mesmo tempo, tem em suas mãos uma grande responsabilidade, tanto no presente quanto no futuro da América Latina. Um dos objetivos da ODUICAL bem o diz: «Contribuir para a formulação de políticas públicas relacionadas com a educação, tanto a nível nacional como, sobretudo, supranacional».

Nesse sentido, e olhando para a realidade da nossa América Latina, «a pobreza e a desigualdade são uma chaga que se aprofunda em vez de aliviar. A pandemia e as suas consequências, o agravamento do contexto político, económico e militar global, bem como a polarização ideológica, parecem fechar as portas aos esforços de desenvolvimento e aos desejos de libertação. A crise atual não é apenas uma oportunidade para verificar o esgotamento dos sistemas e modelos económicos, mas também nos encoraja a superar soluções preconceituosas como as que alimentam os esquemas de polarização ideológica, emocional, política, de gênero e exclusão cultural»¹. Em todo o caso, não nos assustemos com o “caos”, porque é precisamente a partir daí que Deus faz as suas obras mais belas e criativas.

Se a palavra “universidade” deriva de “universo”, ou seja, o “conjunto de todas as coisas”, o adjetivo “católico” o reforça e inspira. “Católico”, de fato, significa “segundo o todo”, “a partir do todo”. E aqui já existe uma referência à harmonia. A vossa tarefa é contribuir para formar mentes católicas, capazes de observar não só o objecto do seu interesse. Um olhar extremamente preciso e focado pode se tornar fixo, fixo e exclusivo. Tem a precisão de um radar, mas perde o panorama. Ao contrário, ser “católico” significa ter uma visão panorâmica do mistério de Cristo e do mundo, do mistério do homem e da mulher. Precisamos de mentes, corações, mãos para corresponder ao panorama da realidade, não à estreiteza das ideologias. Dou um exemplo de perspectiva católica, referindo-me ao início da *Gaudium et spes*, a Constituição que o Concílio Vaticano II dedicou ao mundo contemporâneo, afirmando que “as alegrias e as esperanças, as dores e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo os pobres e os que sofrem são ao mesmo tempo alegrias e

¹ CISAV, América Latina: Diagnósticos y desafíos, Dossier Estudios Latinoamericanos, febrero 2023, p. 23.

esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo» (n. 1), a *Gaudium et spes* nos fala da vida humana “catolicamente”, não seletivamente. Ele está interessado em toda a condição existencial e não apenas em uma parte —a feliz ou a dolorosa—, porque a glória de Deus habita em todas elas. Se a alegria atrai tanto que cala a voz da dor de perto e de longe (ou às vezes até a própria, a alegria que anestesia!), é só euforia, não tem alcance. Não cura as feridas, essa alegria não cura, cobre-as, e as feridas tapadas infeccionam. Pelo contrário, se a atenção à própria dor e à dos outros consome as energias da esperança, torna-se a desculpa para evitar o risco e a vontade necessária para voltar a apostar na vida, mesmo que ela nos decepcione. A dor torna-se desculpa para desprezar o pão diário da consolação, que o Senhor não deixa passar nem no dia mais difícil. Vocês são universitários, homens e mulheres de mente aberta, portanto sejam “católicos”! Neste sentido da palavra, não “católicos” e sim sectários. São católicos e, portanto, porque querem ser católicos, sejam universitários!

Estou convencido de que a catolicidade de mente, coração e mãos, promovida por suas universidades e sua associação, pode contribuir decisivamente para a cura das feridas dolorosas que hoje ofendem nossa amada América Latina, onde os ricos ficam cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobre. Alimente o fogo aceso por Deus na América Latina, alimente-o assim. E nisto serão ajudados também pelo Pacto Educativo Global, que confiei à então Congregação para a Educação Católica e agora ao novo Dicastério para a Cultura e a Educação. Fiquei sabendo com alegria que muitas universidades coordenadas por sua associação e a mesma associação promovem com energia ideias e projetos inspirados no Pacto Global pela Educação. Por favor, continuem. Acredito que o Pacto - não apenas educacional, mas também cultural - dá uma contribuição significativa para o que chamei de “terceira missão” da universidade. É bonito que as universidades tenham missões. Uma universidade católica deve ser missionária, isto é, com as portas voltadas para fora, porque a missão é a inspiração, o impulso, o esforço e o prêmio de toda a Igreja. Talvez a missão da universidade seja formar poetas sociais, homens e mulheres que, aprendendo bem a gramática e o vocabulário da humanidade, tenham faísca, tenham o clarão que lhes permite imaginar o inédito. Não se esqueça dessa expressão: forme poetas sociais. Estudando o idioma, que tem uma história muito longa, sua alma panorâmica os torna exploradores do futuro. Talvez a missão da universidade seja preparar coreógrafos sociais, homens e mulheres que vislumbram uma dança na cidade, uma dança onde cada um contribui para a graça do movimento total e ninguém é excluído. Coreógrafos sociais, ousando dizer isso, mas esse é o significado. E se agora eu tivesse que traduzir a palavra “missão” em um campo acadêmico, usaria a palavra “pesquisa”. O pesquisador tem mente e coração missionários. Não se contenta com o que tem, sai em busca. O missionário conhece a alegria do Evangelho e não pode esperar que outros a experimentem. Por isso, deixa a pátria de suas convicções e de seus costumes, indo para lugares inexplorados. Ele conhece o Evangelho, mas não sabe que frutos ele dará naquela terra estrangeira. É precisamente a tensão entre o saber e o não saber que o impulsiona e o protege da presunção de saber tudo. Ele sabe, e fica surpreso com o que vai saber. Por isso, o missionário ama a reciprocidade: ensina e aprende, convencido de que todos têm algo a ensinar. Assim, o pesquisador, se não estiver disposto a sair e aprender, abrirá mão sabe-se lá de que conhecimento maravilhoso, mutilando sua própria inteligência. É muito triste encontrar intelectuais, homens e mulheres de grande inteligência, mas com inteligência mutilada. Que seus ateneus, como instituições acadêmicas privadas e como redes de universidades católicas, se tornem centros de pesquisa valorizados em todo o mundo. Desta forma, eles também formarão mentes missionárias.

Irmãos e irmãs, agradeço pelo que vocês fazem. Continue! Que a Virgem vos acompanhe. Abençoo-vos de coração e peço-vos que rezeis por mim.

Franciscus